

HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS TRABALHADORAS BANCÁRIAS PIAUIENSES**HISTORY AND MEMORY OF PIAUIAN BANKING WORKERS****HISTORIA Y MEMORIA DE LAS TRABAJADORAS BANCARIAS PIAUIENSES**Kamila Albuquerque de Araújo (UFPI)⁸²

Resumo: Principalmente no que diz respeito ao trabalho feminino, através do aumento de sua participação em diversas atividades econômicas e profissionais. No Brasil, esse processo vem ocorrendo desde a metade dos anos 1970, e representa uma nítida mudança não só de natureza demográfica, mas também nos padrões culturais da sociedade. O trabalho bancário é um exemplo claro dessas modificações, pois caracterizou-se como uma atividade de notável presença masculina. Contudo, a profissionalização das mulheres nos bancos permitiu uma reconfiguração do setor. O presente artigo, objetiva analisar essas experiências femininas no mercado de trabalho bancário piauiense, nas décadas de setenta e oitenta. Assim, a partir das narrativas das trabalhadoras bancárias, buscamos compreender suas trajetórias de ingresso nos bancos públicos e privados do Estado do Piauí, destacando aspectos relacionados a profissionalização, a escolarização e ao cotidiano de trabalho. Isso possibilita visibilidade as mulheres, ao destacarmos essa atuação no espaço público, sob a perspectiva do trabalho contemporâneo. Para tanto, utilizamos a metodologia da história oral, ou seja, entrevistas orais temáticas, articuladas com as fontes documentais disponibilizadas no arquivo do Sindicato dos Bancários do Piauí. Além disso, o diálogo teórico com outros pesquisadores como Maria Rosa Lombardi, Heleieth Saffioti, Maria Izilda Matos, Andrea Borelli, Jean-Pierre Rioux, Janaína Amado, Verena Alberti, entre outros, foi fundamental para compreensão dessa temática.

Palavras-chave: História. Memória. Bancárias.

Abstract: Denominated as "century of women", the twentieth century, allowed a series of transformations, mainly in regard to women's work, by increasing their participation in various economic and professional activities. In Brazil, this process has been taking place since the mid-1970s, and represents a clear change not only in the demographic nature, but also in the cultural patterns of society. Bank work is a clear example of these modifications, as it has been characterized as an activity of remarkable masculine presence. However, the professionalization of women in the banks has allowed a reconfiguration of the sector. This article aims to analyze these female experiences in the Piauían banking labor market in the seventies and eighties. Thus, from the narratives of bank workers, we seek to understand their paths of entry into the public and private banks of the State of Piauí, highlighting aspects related to professionalization, schooling and daily work. This makes women visible by highlighting this performance in the public space, from the perspective of contemporary work. For that, we used the oral history methodology, that is, thematic oral interviews, articulated with the documentary sources made available in the archive of the Banking Union of Piauí. In addition, the theoretical dialogue with other researchers such as Maria Rosa Lombardi, Heleieth Saffioti, Maria Izilda Matos, Andrea Borelli, Jean-Pierre Rioux, Janaína Amado, Verena Alberti, among others, was fundamental for understanding this theme.

Keywords: History. Memory. Banking.

Resumen: Principalmente en lo que se refiere al trabajo femenino, a través del aumento de su participación en diversas actividades económicas y profesionales. En Brasil, ese proceso viene ocurriendo desde la mitad de los años 1970, y representa un nítido cambio no sólo de naturaleza demográfica, sino también en los patrones culturales de la sociedad. El trabajo bancario es un ejemplo claro de esas modificaciones, pues se caracterizó como una actividad de notable presencia masculina. Sin embargo, la profesionalización de las mujeres en los bancos permitió una reconfiguración del sector. El presente artículo, objetiva analizar esas experiencias femininas en el mercado de trabajo bancario piauiense, en las décadas de los setenta y ochenta. Así, a partir de las narrativas de las trabajadoras bancarias, buscamos comprender sus trayectorias de ingreso en los bancos públicos y privados del Estado de Piauí, destacando aspectos relacionados a la profesionalización, la escolarización y el cotidiano de trabajo. Esto posibilita visibilidad a las mujeres, al destacar esta actuación en el espacio público, bajo la perspectiva del trabajo contemporáneo. Para ello, utilizamos la metodología de la historia oral, es decir, entrevistas orales temáticas, articuladas con las fuentes documentales disponibles en el archivo del Sindicato de los Bancos de Piauí. En este sentido, el diálogo teórico con otros investigadores como

⁸² Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Piauí-UESPI. Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Maurício de Nassau – FAP Teresina. Mestranda em História do Brasil, na Universidade Federal do Piauí-UFPI. E-mail: kaara20@hotmail.com.

Maria Rosa Lombardi, Heleieth Saffioti, María Izilda Matos, Andrea Borelli, Jean-Pierre Rioux, Janaína Amado, Verena Alberti, entre otros, fue fundamental para la comprensión de esta temática.

Palabras claves: Historia. La memoria. Bancaria.

Introdução

O século XX, o denominado “século das mulheres”⁸³ possibilitou uma série de transformações, principalmente no que diz respeito ao trabalho feminino, houve um aumento de sua participação em diversas atividades econômicas e profissões. No Brasil, esse processo vem ocorrendo desde a metade dos anos de 1970, e representava uma nítida mudança não só de natureza demográfica, mas também nos padrões culturais da sociedade.

Todo esse cenário possibilitou a alteração da identidade feminina, tendo como suporte o movimento feminista e a sua luta pelos os direitos das mulheres em diversos espaços sociais. Dessa maneira, ele contribuiu para que elas tivessem um maior acesso a escolarização e inserção no ensino superior, por conseguinte, novas oportunidades no mercado de trabalho. Nestes sentido, Lipovetsky nos ajuda a compreender que,

[...] A atividade profissional feminina adquiriu direito à cidadania, é agora um valor e uma aspiração legítima, a condição normal da existência feminina. É a recusa de uma identidade constituída exclusivamente pelas funções de mãe, esposa que caracteriza a condição feminina pós-moderna.⁸⁴

A socióloga Heleieth Saffioti, em sua obra o Poder do Macho, enfatiza que essa identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição dos papéis que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. Ela determina em que campo pode operar cada sexo, e nesta lógica vai delimitando as funções a serem exercidas tanto pelas mulheres quanto pelos homens.⁸⁵ Nesta perspectiva, o trabalho bancário destacou-se como uma dessas atividades, caracterizando-se como um ambiente eminentemente masculino até década de 1960.⁸⁶ Nesse período, as mulheres mesmo que em número ainda reduzido começaram a ser contratadas para trabalhar em atividades específicas e com salários ainda inferiores aos dos homens.

⁸³ LOMBARDI, Maria Rosa. A persistência das desigualdades de gênero no mercado de trabalho. COSTA. Albertina (org.) et al. Divisão sexual do trabalho, Estado e crise do capitalismo. Recife: SOS CORPO, Instituto Feminista para a Democracia, 2010. p. ?

⁸⁴ Para compreender melhor a expressão pós-mulher do lar: LIPOVETSKY, 2000. p.218

⁸⁵ SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987. p. 8

⁸⁶ JINKINGS, Nise. *Trabalho e subjetividade sob o mister de fazer mais dinheiro: o trabalho bancário*. Campinas, SP: IFCH- UNICAMP, 1994, p.128

A presença feminina na atividade bancária sinalizava uma abertura significativa para as mulheres nos espaços públicos, destacando um novo momento da história denominado “pós-mulher do lar.” Contudo, disparidades de gênero nesse mercado de trabalho manifestam-se no que se refere ao exercício de determinadas funções. A esse respeito, é possível dialogar com o trabalho de Maria Izilda Matos e Andrea Borelli, ao analisarem o espaço feminino no mercado produtivo, bem como as atividades desenvolvidas nos estabelecimentos bancários e de seguros destacam que “[...] as mulheres foram incorporadas em postos na telegrafia, telefonia, contabilidade e como escriturárias, secretárias, guarda-livros entre outros cargos burocráticos de menor status”.⁸⁷

Nesse sentido, Áurea Petersen, analisando a trajetória inserção das mulheres nos bancos do Rio de Grande do Sul, ainda na década de 1960, aponta que as bancárias gaúchas começaram a fazer parte do quadro efetivo dos funcionários nas atividades referentes aos registros de movimentos bancários. O que exigia dos profissionais bancários o treinamento e a habilidade em datilografia para sua execução. Os homens apresentavam resistência ao exercício dessa atividade, considerando-a repetitiva e monótona.⁸⁸ Abrindo-se então precedentes para que as mulheres fossem contratadas.

Assim, o objetivo desse artigo é analisar as experiências femininas no mercado de trabalho bancário piauiense, nas décadas de setenta e oitenta, a partir das narrativas das trabalhadoras bancárias, buscamos compreender suas trajetórias de ingresso nos bancos públicos e privados, destacando aspectos relacionados a profissionalização, a escolarização e o cotidiano de trabalho. Isso possibilita visibilidade as mulheres, destacando sua atuação no espaço público, sob a perspectiva do trabalho contemporâneo. Para Jean- Pierre Rioux, os historiadores do século XX sentem ambição por uma história do tempo presente⁸⁹, demonstrando um desejo de identificação daqueles sujeitos que esperaram por longo período um espaço nessa historiografia. Logo,

“[...] atores e testemunhas, humildes ou não esperaram mais muito tempo e dizem alto e claro, como mostra a proliferação de depoimentos em livros, que não pretendem deixar sumir suas forças e tornar insípidas suas lembranças aceitando privar de sentido sua experiência”.⁹⁰

⁸⁷ BORELLI, Andrea; MATOS, Maria Izilda. *Espaço feminino no mercado produtivo*. In PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 154.

⁸⁸ PETERSEN, AUREA TOMATIS. *Trabalhando no banco: trajetórias de mulheres gaúchas desde 1920*. Porto Alegre, 1999. Tese. (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

⁸⁹ RIOUX, Jean-Pierre. *Pode-se fazer uma história do presente?* In: CHAUVEAU, Agnes; TETART, Philippe. (org.). *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

⁹⁰ Idem, 9. p. 42-43

Além desse desejo recorrente desses sujeitos de falar sobre si e perpetuar sua história, é importante destacar o interesse da pesquisadora em compreender e escrever sobre as trajetórias femininas de profissionalização bancária. Conforme, Janaína Amado ao discorrer sobre essa relação entre o historiador e o informante, é possível afirmar que

“[...] o que em verdade acontece é uma relação *desde o início* negociada, caracterizada pelas trocas entre os objetivos do historiador (escrever a pesquisa acadêmica e, se possível, transformá-la em livro) e os do informante (levar sua experiência até outros círculos sociais, via produto final do trabalho do historiador).”⁹¹

Notou-se então no primeiro contato com as entrevistadas escolhidas, uma satisfação em compartilhar não só as experiências de suas atividades profissionais bancárias, mas também as pessoais, como as relações com familiares, amigos, cônjuges e os filhos. Algumas de uma forma mais tímida, outras de uma forma mais eloquente. Assim, de acordo Paul Thompson esse ato de “[...] recordar a própria vida é fundamental para o nosso sentimento de identidade; continuar lidando com essa lembrança pode fortalecer, ou recapturar, a autoconfiança.”⁹²

Assim, ao ouvir sobre essas trajetórias femininas de inserção nos bancos piauienses, no ajuda a compreender o lugar das mulheres no exercício dessa atividade. Além disso, nos permite perceber as características estruturais desse grupo de profissionais e como determinadas questões de gênero agem nos diferentes contextos sociais e histórico.

A profissionalização bancária feminina.

O processo de inserção das mulheres nos serviços bancários piauienses acontece nos anos finais da década 1960, em bancos existentes tanto na capital quanto nas cidades do interior. Notava-se que as mulheres integravam o quadro de funcionários, em conformidade com as leis trabalhistas do período. Dessa maneira, as oportunidades para ingresso nessa carreira aconteciam em bancos públicos, privados e nacionais existentes no Estado do Piauí. Algumas já apresentavam experiência em atividades próximas daquelas exercidas em cargos bancários como: caixas em supermercados, auxiliar de escritório em empresas de transportes, vendedoras no comércio e em operadoras de telefonia.

⁹¹AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo, n.15, abr. 1997. p. 154

⁹² THOMPSON, Paul. A memória e o eu. In: _____. *A voz do passado: história oral*. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 209

A partir dos dados presentes nas fichas de qualificação dos funcionários sindicalizados disponibilizadas pelo Sindicato dos Bancários do Piauí, conseguimos esboçar o perfil de algumas das bancárias piauienses. Podemos observar, na sequência, a carteira de identificação de Teresinha de Jesus Melo Cordeiro funcionária do Banco do Brasil admitida na instituição no ano de 1977 na cidade de Canto do Buriti do Piauí:

Figura 1- Carteira de identificação do funcionária do Banco do Brasil



FONTE: Sindicato dos Bancários do Piauí

É importante destacar que as possibilidades de inserção feminina nas atividades bancárias, não ficaram restritas somente para a capital Teresina, demonstrando que as unidades bancárias acompanhando o processo de modernização do Estado expandiam seus serviços para as cidades do interior. No Banco do Estado do Piauí S/A⁹³ existia um número expressivo de funcionários, de forma que algumas funcionárias já exerciam cargos bancários no início dos anos 1970. Como é o caso, da bancária Francisca Soares da Costa, solteira, admitida no Banco do Estado do Piauí S.A, em 2 de fevereiro de 1970. Sua instrução a nível médio, permitiu seu ingresso no banco como auxiliar de escritório, e sua aposentadoria como telefonista da referida instituição.

Outro exemplo, é o da bancária Cecília Maria de Albuquerque Rodrigues, casada, funcionária do Banco do Estado do Piauí- BEP, ingressou na carreira em 16 de março de 1972, para o cargo de economista. No ano de 1989, ela já tinha 17 anos de profissão, exercendo nessa

⁹³ O Banco do Estado do Piauí S.A. - BEP, constituído pela Lei Estadual nº 1.678, de 15 de dezembro de 1957, é uma instituição financeira múltipla, organizada sob a forma de sociedade anônima aberta de economia mista. As décadas de 60 e 70 representaram uma época da consolidação e expansão do Banco, com ampliação da rede de agências, exploração de crédito rural e comercial, expansão do quadro de pessoal e implementação de programas de treinamento.

época o cargo de Técnico em Banco de Desenvolvimento (TDB). Enquanto, Dagmar Leal de Barros, residente na cidade de Picos, começou a trabalhar no BEP⁹⁴ na Agência de Picos- PI, em 1977, com o cargo denominado Escriturário “A” e chegou a exercer a função de gerente de contas. Sua contratação destaca que as a mulheres das cidades do interior também estavam inseridas nesse setor, e em cargos elevados da hierarquia bancária.

Além das oportunidades no banco supracitado, verifica-se também a presença de mulheres em bancos públicos como o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal. Nessa perspectiva, as bancárias piauienses apresentavam uma aproximação com o perfil de outras mulheres inseridas nos bancos brasileiros desse período. Contudo, é partir da década de 1980 que aumenta significativamente a participação das mulheres no setor bancário brasileiro. As transformações decorrentes da Reforma Bancária⁹⁵ possibilitaram as inovações tecnológicas e o processo de automação dos serviços bancários, exigindo um novo perfil de trabalhadores.

Os bancos privados piauienses, também incorporam essa força de trabalho feminina e assim como nos outros, elas fizeram parte dos funcionários contratados. Em 1986, na instituição financeira denominada Banco Mercantil S/A, Carmem Lúcia de Sousa Lima, começava a trabalhar e recebia o cargo de auxiliar de escritório, ao longo de sua carreira chegou a exercer o cargo de chefe de seção. Os cargos assumidos pelas bancárias variavam de acordo com as definições de cada banco. No Banco do Brasil, eram admitidas na carreira administrativa “nível B1” e no Banco do Estado do Piauí, exerciam a função de escriturária “A. Na Caixa Econômica Federal, a função inicial era de escriturária ou auxiliar de escritório enquanto em bancos particulares como o Banco Real, era de escriturária “E”. Vejamos, a seguir, um desses contratos de trabalho das funcionárias realizado pelo BEP:

Figura 3- Contrato de trabalho Banco Estado do Piauí S.A

⁹⁴ Sigla do Banco do Estado do Piauí- BEP

⁹⁵ Sobre Reforma bancária ver: JINKINGS, 1994, p.128

FONTE: Sindicato dos Bancários do Piauí

Escolarização e a independência financeira feminina.

Nascida no interior da cidade União, Francisca de Assis Araújo Silva, funcionária aposentada da Caixa Econômica Federal, apresentava uma trajetória singular quanto as suas experiências profissionais. Por ser a primeira filha de uma numerosa família, era responsável pela administração da casa e dela dependiam os outros irmãos. Conforme nos relatou:

[...] Eu trabalhava e estudava a noite, era curso seriado e trabalhava durante o dia no comércio para sobreviver e sustentar meus irmãos, porque eu também sou a primeira filha e os meus irmãos dependeram de mim para vir para cá estudar comigo, então éramos só os filhos dentro de uma casa e eu era responsável pela administração, era considerado os arrimos de família.⁹⁶

Sua entrada no mercado de trabalho bancário piauiense, aconteceu no ano 1976, através de concurso público promovido pela Caixa Econômica Federal, instituição a qual ela passou grande parte da sua vida profissional: [...] fiz um concurso e passei para Caixa em setenta e seis, então são trinta e dois anos só de Caixa [...] nós éramos chamados economiários. E ai uns eram chamados bancários e outros de economiários.

⁹⁶ SILVA, Francisca de Assis Araújo. Depoimento concedido a Kamila Albuquerque de Araújo. Teresina, fev. 2009.

Analisando as trajetórias profissionais dessas trabalhadoras observamos um aspecto relevante que muitas tinham uma formação a nível superior. Francisca de Assis, ao falar do seu processo de escolarização, destaca também o ingresso no ensino superior piauiense:

[...] eu nasci em União no interior de União num povoado chamado Salobro até os dez anos eu estava lá, o primeiro grau era lá mesmo no interior. A partir da quarta série do primeiro grau, eu vim de União. [...] Consegui conhecer e me aproximar de religiosas freiras que moram lá em União, fiz o segundo grau num colégio delas no Ceará em Russas, fiz a formação de professora né, pedagógico, por elas eu fui até a esse colégio. [...] Cheguei em Teresina em setenta e um, fiz o vestibular no último ano que criaram a Universidade Federal do Piauí e fiz o vestibular para Letras, do jeito que eu vim daquela escola, eu fiz o vestibular e passei em décimo terceiro lugar.⁹⁷

Seguindo um caminho parecido, Maria Regina Sousa, funcionária aposentada do Banco do Brasil, era admitida em março de 1983, para a carreira administrativa nível B-1. Ela também obteve sua formação no ensino superior na Universidade Federal do Piauí na cidade de Teresina. No seu depoimento, relatou a importância dos estudos em sua vida, pois era filha de trabalhadores rurais que viam na formação de seus filhos a oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

[...] Olha eu nasci em União- Piauí, na zona rural, meu pai era trabalhador rural sem-terra né, trabalhava terra alheia e felizmente conseguiu botar a gente para estudar, então me formei pela Universidade Federal do Piauí, Letras...Duas habilitações Francês e Inglês.⁹⁸

A sua formação em Letras permitiu que ele exercesse anteriormente a carreira de professora no ensino público da capital, deixando a função do magistério somente quando entra para o mercado de trabalho bancário. Todo esse quadro ia de encontro com as oportunidades que a maioria das jovens piauienses vivenciavam nesse período. Os cursos de licenciatura ou a formação em cursos pedagógicos para inicialmente seguirem a carreira no magistério. De acordo com Elizângela Cardoso, no interior a maioria dos municípios oferecia apenas o ensino primário. Logo, a população feminina e masculina que buscasse dar continuidade aos estudos, precisava vir a cidade de Teresina para terem as maiores possibilidades de acesso à escola em todos os níveis.⁹⁹

⁹⁷ SILVA, fev. 2009.

⁹⁸ SOUSA, Maria Regina. Depoimento concedido a Kamila Albuquerque de Araújo. Teresina, maio. 2009.

⁹⁹ CARDOSO, 2003. p.71

Além da busca por essa escolarização, no perfil das bancárias, destacava-se a diversificação, havia tanto mulheres jovens quanto mulheres mais velhas com a faixa etária entre 20 e 45 anos. Algumas quando admitidas nos bancos eram solteiras, isso demonstrava que a busca pela profissionalização e realização pessoal já figurava entre os desejos femininos dessas piauienses. Uma exemplo dessas experiências em busca de independência financeira, é o de Norma Soely, funcionária também aposentada do banco Caixa Econômica Federal, nasceu em Codó no Maranhão e por conta da migração do pai devido ao trabalho em empresa privada, acabou fixando residência na cidade de Teresina. Nesse sentido, ela recorda:

[...] Eu me lembro que desde criança eu sonhava em trabalhar, em um dia ter o meu trabalho, meu dinheiro e aí quando eu completei 19 anos. Como meu, a minha certidão de nascimento eu sou registrada um ano, como se eu tivesse nascido um ano depois, eu só pude começar a trabalhar com 19 anos né?! Aí eu fui para empresa privada e o dinheiro não dava, dava mal para comprar shampoo e umas roupinhas e eu digo: Não quero isso para mim, não! Eu vou fazer concurso, eu vou, eu quero ter meu carro, eu quero ter minha casa. Eu quero! Eu sempre sonhei mais alto do que a minha condição estava. É que meu pai não tinha dinheiro nem para dar para o lanche, livro nunca foi comprado um livro para eu estudar. Eu sempre estudei em escola pública e sem livro. Sempre copiando, eu ainda hoje eu tenho mania de copiar tudo (risos). Então eu fiz o concurso da Caixa para minha independência financeira.¹⁰⁰

A entrevistada enfatiza ainda as dificuldades de escolarização no período, pois seus pais não tinha boas condições financeiras. Porém, isso não representou impedimento para que ela buscasse sua formação no ensino superior e por conseguinte a conquista de sua independência financeira através da aprovação em concursos:

Eu me lembro que eu fiz do Banco do Brasil, não sei se um ou dois, não um do Banco do Brasil e aí não passei, aí no da Caixa eu passei para a segunda turma né?! Que eles chamaram, que eles fizeram uma segunda chamada e na época eu passei no vestibular para letras e eu me lembro que eu passei em vários concursos assim. Eu passei no concurso da Fundação Bradesco trabalhei lá também, um ano, que é uma escola e foi assim concorridíssimo. Passei num concurso da Emater, mas diz que a lista lá era política que indicava para trabalhar [...] ¹⁰¹

Da mesma forma, a bancária Solimar Silva¹⁰², aprovada no concurso da Caixa Econômica em 1982, destacou suas experiências de aprovações em outros concursos.

¹⁰⁰ GUIMARÃES, Norma Soely. Depoimento concedido a Kamila Albuquerque de Araújo. Teresina, fevereiro, 2018

¹⁰¹ Idem, 21.

¹⁰² SILVA, Solimar. Depoimento concedido a Kamila Albuquerque de Araújo. Teresina, 31 de Maio 2018.

Entretanto, seu interesse em trabalhar nos bancos foi marcante pela questão salarial. Através do trabalho ela pretendia ajudar a família, que não tinha uma situação financeira tão confortável, conforme ela nos relatou:

[...] quando eu, atingi dezoito anos eu fiz um concurso para, na época era IAPEP [...] e eu passei em primeiro lugar, o cargo de recepcionista [...] trabalhei lá por três anos e fiquei insatisfeita com o salário, porque para ajudar a família, né? Então fiz vários, Banco do Nordeste, e dentre eles eu passei no concurso da Caixa, não tive dúvidas torci pela convocação que foi em 1984.¹⁰³

Para ela a aprovação no concurso da Caixa representou uma “vitória muito grande”, e desde que assumiu o trabalho bancário em junho de 1984 proporcionou a ela e sua família uma melhor condição vida, além da possibilidade de conciliá-lo com sua formação a nível superior:

[...] eu assumi em junho de 1984, daí para cá eu tenho ajudado muito a minha família, foi uma grande, é, vitória assim, que eu considero né?! Continuei fazendo concurso, mas na Caixa eu tive condição de fazer aquilo que eu tanto almejava. Ajudar não foi da melhor maneira possível, mas ajudar minha família e também conciliar com o curso superior.¹⁰⁴

Traçando o perfil dessas mulheres bancárias demonstramos que elas apresentavam um crescimento relativo no que se refere a nível de escolarização, isso ficou evidente nas entrevistas realizadas com as funcionárias aposentadas e sindicalizadas Francisca De Assis, Maria Regina Sousa, Norma Soely e Solimar Silva quando falavam sobre seu processo de formação escolar a nível de segundo e terceiro grau. Dessa maneira, o fator escolarização coloca-se como um grande aliado no contexto de qualificação profissional dessas trabalhadoras piauienses.

Cotidiano de trabalho e o “lugar” das bancárias

Na década de 1980, o aumento da presença feminina no setor bancário acompanhou os processos de mudança tecnológica e organizacional dos bancos. Segundo, a entrevistada Regina Sousa, o universo bancário piauiense foi um espaço masculino até esse período, quando então é iniciada uma reconfiguração desse setor com a entrada das mulheres:

¹⁰³ SILVA, Maio, 2018.

¹⁰⁴ SILVA, Maio, 2018.

[...] nos bancários era...foi uma profissão essencialmente masculina...teve até um certo tempo eu não me lembro bem, mas que não era permitido bancária mulher, no Banco do Brasil por exemplo só tinha homem. Então foi uma coisa muito mais, que permitiu que as mulheres fizessem o concurso do Banco do Brasil. Então era uma categoria até os anos oitenta quando nós chegamos no banco...era uma categoria essencialmente masculina.¹⁰⁵

Diante dessa multiplicidade de experiências femininas no mercado de trabalho bancário, é possível observar como as práticas sociais, familiares e culturais interferem na dinâmica das relações de trabalho. Conforme nos explica Norma Soely, sobre a sua escolha em trabalhar na Caixa Econômica Federal:

Tinham muitas mulheres, inclusive a Caixa é considerada feminina, e teve uma colega Rita Rios, que ela está em Parnaíba. Ela participou do sindicato comigo na época, [...] ela já trabalhava no Banco do Brasil, e aí ela foi chamada para Caixa e disse: A Caixa é muito feminina e eu me identifiquei com a Caixa, né?! Muitas mulheres realmente [...], se eu não me engano quase a metade [...].¹⁰⁶

Neste sentido, é possível apreender nesses relatos referentes as trajetórias pessoais e profissionais que existiam assimetrias nessas relações de trabalho, e que elas eram determinantes na definição dos cargos que as bancárias deveriam ocupar. Norma Soely, discorrendo sobre seu cotidiano de trabalho afirma de forma enfática que:

No prédio da Areolino de Abreu que é a sede da Superintendência Regional. Muitas mulheres trabalhando e assim que a gente sempre teve... percebeu que no nível intermediário a maioria mulheres e no nível de chefia, gerência de unidade, a maioria homens. Ainda hoje tem muito isso né?! Já melhorou a participação das mulheres em cargos de chefia maior, mas geralmente cargos administrativos intermediários.¹⁰⁷

Um outro aspecto relevante quanto ao “lugar” das bancárias, é que mesmo verificando-se um crescimento gradual da presença feminina em postos de direção, gerência e supervisão de bancos, ainda persistiam as práticas discriminatórias que limitavam a vida profissional dessas mulheres. Apesar do incremento do nível de escolaridade entre a população feminina, sua crescente participação e envolvimento no trabalho extra doméstico evidenciava-se uma

¹⁰⁵ Idem, 16

¹⁰⁶ GUIMARÃES, Norma Soely. Depoimento concedido a Kamila Albuquerque de Araújo. Teresina, fevereiro, 2018.

¹⁰⁷ Idem, 24

permanência histórica da segregação ocupacional por gênero¹⁰⁸. Essa situação bem foi analisada pela entrevistada Norma Soely quando diz que:

Olha, o ser mulher eu comecei a perceber com um tempo. [...] estudando o movimento feminista, que a gente tem que estudar a mulher e estudar toda essa situação para compreender. O ser mulher ele impede demais, não é por eu ser mulher que impede, é o preconceito que está embutido na mente de quem vai escolher. Por exemplo, se tiver um homem e uma mulher para ganhar uma função. Eles escolhem um homem. Aí eles já dizem que função, se for uma função de chefe de agência, por exemplo, mas, ela não vai poder ir para o interior. Ah! Ela tem filho e ela tem que ficar saindo para levar o médico. [...] Sempre tem a condição de ser mulher como um empecilho e a gente compreende isso com o tempo. Mas no início não fica e nem hoje não fica evidente que é por isso. Sempre tem outros motivos.¹⁰⁹

É importante evidenciar como a participação no movimento feminista permite que ela tenha uma melhor compreensão das disparidades de gênero no trabalho bancário. Contudo, essa percepção foi sendo construída ao longo tempo, a partir de suas diferentes experiências no cotidiano de trabalho no banco. Quando perguntada se sofria discriminação ou piadinhas de seus pares quanto ao exercício de sua função ela lembrou que:

É eu me lembro que disseram assim, porque como eu já vendi os imóveis da caixa e tinha uma comissão. Mas a comissão, eu fazia um trabalho tão bem feito que não precisava eles supervisionarem. [...] Mas assim, tinham uma confiança no meu trabalho. Então eu fazia o trabalho todinho e eles iam só conferir. E perceber que estava tudo ok. Então foi por isso que eu ganhei a função de supervisão, de chefia de setor. Mas no início, eu dizia: eu sou chefe de mim mesma, eu sou líder de mim mesma (risos). Aí não tem problema. (risos). O problema é quando você começa a liderar outras pessoas. Mas eu me lembro que quando o meu chefe, meu chefe imediato foi defender para que eu receber essa chefia. Disseram não, mas não ela não tem nem subordinado para que ela vai ser chefe de alguma coisa. Deixa ela fazendo o serviço mesmo sem nenhuma remuneração a mais. Porque tinha uma remuneração a mais. Então acontece esse tipo de coisa. Subestimam o trabalho da gente. Achem que porque a gente faz o trabalho sozinha, é fácil. Mas a gente sabe que a gente faz o trabalho de mais de três pessoas. Eu sei sempre me lembro de fazer o trabalho de mais de três pessoas dentro da Caixa, normal. Você principalmente na falta de pessoal, você está ali no seu serviço, mas você não dá conta só daquela coisinha ali, mas você dá conta de todo um à sua volta.

¹⁰⁸ JINKINGS, 2000, p.184

¹⁰⁹ GUIMARÃES, Norma Soely. Depoimento concedido a Kamila Albuquerque de Araújo. Teresina, fevereiro, 2018.

Uma outra experiência no exercício do trabalho nos bancos relaciona-se ao atendimento dos clientes. Na fala da entrevistada, é possível compreender como as questões de gênero se manifestam nesse ambiente bancário:

Mas acontece e acontece mais com as mulheres até os próprios clientes. [...] Aí o gerente da agência, da última agência que trabalhei ele gosta muito de mim. Ele me admira muito mesmo e elogios é rasgado para todo mundo. A Norma é demais, a Norma faz tudo bem feito. A Norma tal. Aí que a gente foi trabalhar nessa agência. Ele foi chamado e ele perguntou se eu topava ir também, e eu fui para ajeitar a agência [...] Era um mundo de gente, era agência pequena e terminava ficando assim, muito sem controle. [...] eu fui e nós conseguimos arrumar a agência. Aí uma vez um cliente gritando e eu explicando porque que ele não podia ter o que ele queria. Aí explicava e ele mas...não o sei o que, não sei o que. E eu, senhor, com maior calma explicando. Aí eu digo, vou chamar bem aqui o gerente para lhe dizer. Aí quando o gerente chegou esse homem falou tão baixinho que eu quase não ouvi a voz dele (risos). [...] Aí ele disse assim, o gerente disse assim: Norma tem que saber conversar com o cliente. Eu digo, mas do mesmo jeito que você falou, eu falei, é porque você é homem que ele lhe respeitou.¹¹⁰

Portanto, além das dificuldades de ascensão na carreira, as bancárias tinham que lidar com as diferentes formas de resistência a sua participação mais ativa na força de trabalho, presentes nessas situações vivenciadas no cotidiano de trabalho dos bancos.

Considerações finais

As trajetórias das trabalhadoras bancárias são marcadas por inúmeros conflitos, que marcam a sua busca por visibilidade dentro desse espaço marcadamente masculino. Assim, a história oral aparece como uma importante aliada dos historiadores orais que tinham interesse em dar voz aqueles que não tinham espaço na historiografia, por exemplo, as mulheres. Conforme, destaca Silvia Salvatici:

Recusando-se a serem deixadas historicamente sem voz por mais tempo, as mulheres estão criando uma nova história usando nossas próprias vozes e experiências. Estamos contestando o conceito tradicional de história, aquilo

¹¹⁰ GUIMARÃES, Norma Soely. Depoimento concedido a Kamila Albuquerque de Araújo. Teresina, fevereiro, 2018.

que é historicamente importante, e estamos afirmando que nossa vida cotidiana é história.¹¹¹

A intenção da pesquisa aqui apresentada segue aquilo que Paul Thompson deixou em evidência em seu estudo sobre a memória e o eu. Portanto, a utilização dos relatos orais tinham como principal objetivo não a busca de informações ou evidências que valham por si mesmas, mas sim fazer um registro “subjetivo” de como um homem, ou uma mulher, olha para trás e enxerga a própria vida, em sua totalidade, ou em uma das partes. Ouvindo os relatos de nossas entrevistadas conseguimos compreender o modo como fala sobre ela, como a ordena, a que dá destaque, o que deixa de lado, as palavras que escolhe, é que são importantes para a compreensão de qualquer entrevista.¹¹²

Outro aspecto a ser considerado quanto ao uso de entrevistas orais, é apontando por Verena Alberti, para ela a entrevista em si, deve ser tida e analisada como um todo, importando tanto o conteúdo do que se deixa gravado quanto a forma com que é enunciado¹¹³. Assim, através dessas narrativas das bancárias piauienses assimilamos como a desigualdade entre as condições de trabalho masculino e feminino manifestavam-se claramente na atividade bancária. Demonstrando que apesar da conquista feminina de mais um espaço no mercado produtivo, elas ainda precisavam romper com as tais permanências impostas às mulheres.

Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

AMADO, Janaína. *A culpa nossa de cada dia: ética e história oral*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n.15, abr. 1997.

BORELLI, Andrea; MATOS, Maria Izilda. *Espaço feminino no mercado produtivo*. In PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 154.

JINKINGS, Nise. *Trabalho e subjetividade sob o mister de fazer mais dinheiro: o trabalho bancário*. Campinas, SP: IFCH- UNICAMP, 1994, p.128

LOMBARDI, Maria Rosa. *A persistência das desigualdades de gênero no mercado de trabalho*. COSTA, Albertina (org.) et al. *Divisão sexual do trabalho, Estado e crise do capitalismo*. Recife: SOS CORPO, Instituto Feminista para a Democracia, 2010.

¹¹¹ SALVATICI, Silvia. *Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres*. História Oral, v. 8, p.29-42, jan-jun, 2005.

¹¹² THOMPSON, Paul. A entrevista. In: _____. *A voz do passado: história oral*. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 258

¹¹³ ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. p. 104

PETERSEN, Aurea Tomatis. *Trabalhando no banco: trajetórias de mulheres gaúchas desde 1920*. Porto Alegre, 1999. Tese. (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

RIOUX, Jean-Pierre. *Pode-se fazer uma história do presente?* In: CHAUVEAU, Agnes; TETART, Philippe. (org.). *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987. p. 8

SALVATICI, Silvia. *Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres*. *História Oral*, v. 8, p.29-42, jan-jun, 2005.

THOMPSON, Paul. A entrevista. In:_____. *A voz do passado: história oral*. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.